

V ENCONTRO REGIONAL EM COMEMORAÇÃO AO DIA DO GEÓGRAFO – ERCOGeo

“Geografias em movimento e os movimentos na Geografia: escalas, tensões e contradições”

03 a 08 de junho de 2024 – Três Lagoas/MS

TRANS (VIVÊNCIAS) DA MARGEM AO CENTRO: AS EXPERIÊNCIAS ESPACIAIS DE MULHERES TRANSEXUAIS EM TRÊS LAGOAS-MS

Marcos Cesar da Silva Junior
Patrícia Helena Milani

(X) Resumo expandido

EIXO TEMÁTICO

(X) Dinâmica Ambiental e Planejamento Urbano

1) INTRODUÇÃO (JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS)

Essa é uma pesquisa sobre vivências (ou sobrevivências em algumas circunstâncias), de corpos “invisibilizados” que lutam para viver nas cidades. Foram inúmeros motivos que me fizeram iniciar essa pesquisa. Desde que me entendi como pessoa LGBTQIA+¹ passei a pesquisar mais sobre o assunto, em muito dos meus estudos e própria experiência na cidade notei que entre a população de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais, a letra T é a que mais sofre com o preconceito e a discriminação, até mesmo dentro da própria comunidade que deveria servir como refúgio.

Assim, propomos nesta investigação refletir sobre a construção social da diferença e como as marcas que nos definem como pessoas na sociedade geram múltiplas desigualdades, inclusive espaciais, na cidade. Combinado a isso, o desafio de trazer para o debate geográfico um tema quase sempre marginalizado na ciência.

2) METODOLOGIA

Essa pesquisa se destina a criar formas de compreender e explicar algumas vivências de mulheres trans; como pressuposto básico desta pesquisa as relações socioespaciais cotidianas nos importam, inclusive as práticas espaciais cotidianas.

Para o desenvolvimento desta pesquisa utilizamos a abordagem qualitativa no processo de geração de informações, com a realização de uma entrevista e observações. Estas últimas também baseadas no meu cotidiano

¹ A sigla leva em consideração diversos grupos de pessoas, e cada letra da sigla se refere a uma nomenclatura com a qual aquela pessoa se reconhece. Primeiro, LGB (Gays, Lésbicas e Bissexuais) trata da orientação sexual. O segundo é o TQI (Transexuais, Travestis, Transgêneros, Queer e Intersex), que se refere ao gênero, seguido do A para Assexuais e + para todas as demais letras da sigla.



V ENCONTRO REGIONAL EM COMEMORAÇÃO AO DIA DO GEÓGRAFO – ERCOGeo

“Geografias em movimento e os movimentos na Geografia: escalas, tensões e contradições”

03 a 08 de junho de 2024 – Três Lagoas/MS

como integrante da comunidade LGBTQIA +, em contato direto com estes sujeitos.

Segundo Turra Neto (2012) a pesquisa qualitativa tem como principal fonte de informação os depoimentos orais, as práticas espaciais cotidianas, as vivências e visões de mundo dos sujeitos. De acordo com o autor, a pesquisa qualitativa tem como característica reconhecer que os sujeitos da pesquisa são portadores de subjetividade e corpos, permitindo o reconhecimento de suas limitações, abrindo espaço para o diálogo com os leitores.

Realizamos uma entrevista com uma mulher trans que vive na cidade de Três Lagoas- MS. Utilizamos o roteiro semiestruturado, com perguntas abertas, que foi organizado em blocos de questões, organizadas pelos tempos e espaços de vivência da entrevistada, desde a infância até a fase atual de vida.

Monalisa possui 25 anos, é moradora da cidade de Três Lagoas, trabalha como publicitária e cantora.

3) RESULTADOS E DISCUSSÕES

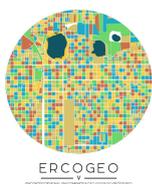
Não correspondendo a cis-heteronormatividade, representando a diferença na sua forma mais transgressora, indo contra a normalização de gênero, atravessando a construção e reconstrução de seus corpos que são também políticos, seja pela sua identidade de gênero, orientação sexual ou expressão de gênero, pessoas trans e travestis tendem a enfrentar o processo de questionamento de sua identidade a partir do olhar genitalista² e androcêntrico, nas palavras de Monalisa, nossa entrevistada:

Minha infância foi horrível, enquanto criança, me identificava como homossexual, mas minha família não me aceitava, até hoje não me aceitam, mas respeitam. Eles rasgavam minhas roupas e jogavam meus pertences no lixo, além de me expulsarem de casa duas vezes. Lembro de quando dançava as músicas do grupo “RBD”, meus pais pediam para parar, pois era coisa de “boiola”, e todos os meus familiares pegavam no meu pé por “requebrar” muito a mão. Eu me sentia culpada por ser quem eu era. (Monalisa, 25 anos, publicitária e cantora).

Monalisa, cita elementos de performance de gênero que separam o universo masculino do feminino pelas convenções sociais, como o requebrar das mãos e todas as outras corporeidades que seu corpo expressava na infância. Pollak (1992), coloca em discussão, a memória como um componente do sentido de identidade de um indivíduo ou de um grupo, e é também um fator crucial no sentido de continuidade e coerência com que um indivíduo ou grupo se constrói.

O período da infância é determinante para toda criança, principalmente se essa criança for LGBTQIA+, Monalisa deixa claro que sofria repressão

² Compreendemos o genitalismo como toda e qualquer prática transfóbica que resume às pessoas aos órgãos genitais como marcadores da identidade de gênero.



V ENCONTRO REGIONAL EM COMEMORAÇÃO AO DIA DO GEÓGRAFO – ERCOGeo

“Geografias em movimento e os movimentos na Geografia: escalas, tensões e contradições”

03 a 08 de junho de 2024 – Três Lagoas/MS

desde cedo por ser quem ela era, fica evidente em sua fala o quanto essas atitudes afetam sua vida, tanto no passado quanto hoje, na fase adulta.

A sociedade (tendo a concepção binária de gênero) escolhe com o que devemos brincar, que roupa devemos vestir e até que cores devemos usar³. Isso sem contar toda a repressão ao longo da nossa formação pelos trejeitos afeminados ou muito másculos. Portanto, é indispensável falar sobre infância sem colocar a memória em discussão, um dos principais fatores para a nossa construção como indivíduo.

Há uma forte estrutura social que reproduz a crença de que os órgãos genitais definem se uma pessoa é homem ou mulher, qualquer um que não se encaixa neste padrão cisheteronormativo pode ser posto à margem da sociedade (portanto dos espaços), deixado à certa marginalidade socioespacial e vivenciar diversas formas de diferenciações no cotidiano, dependendo do espaço em que estiver/quiser frequentar. Turra Neto (2019), afirma que o espaço geográfico é meditado, constituído, percebido e refletido a partir dos corpos, portanto ler os corpos no espaço desafia a imaginação geográfica em sua compreensão das complexidades da realidade. Porém, sabemos que nossa identificação como homem ou como mulher não é um fator biológico, mas uma construção social de gênero. Muito além da representação de papéis a serem produzidos por corpos.

O ódio ao próprio corpo é um projeto que visa lucros, portanto é necessário ressaltar que se definir como trans ou travesti vai além da cirurgia de feminização, harmonização ou redesignação sexual. O corpo existe a partir de como se percebe, identifica e se expressa na sociedade e no espaço.

A escola foi um dos períodos mais cruéis e difíceis da minha vida, eu era um homem negro e afeminado, eles me apelidaram de Vera Verão, pela semelhança com o ator Jorge Lafond. Eles me humilharam e me fizeram chacota. (Monalisa, 25 anos, publicitária e cantora)

Aqui entra uma contradição, uma vez que o ambiente escolar (em tese) tem um papel importante em abordar essa questão social, onde deveria haver um diálogo constante sobre gênero e sexualidades, para proporcionar que as pessoas exerçam seus direitos de cidadania, em um ambiente saudável, garantindo sua formação básica.

Porém, os maiores sofrimentos por pessoas LGBTQIA+ na infância, foram vividos na escola. Silva (2008), afirma que as escolas são compreendidas como parte integrante da realidade socioespacial da cidade, constituindo relações e por elas iniciadas. Se, em uma primeira concepção, a escola é um lugar de inclusão, convivência das diferenças e acesso democrático ao conhecimento, para transexuais e travestis a escola é um lugar de sofrimento, violência e ataques diários à autoestima. Anulando (de modo relativo) sua futura possibilidade de conquista material e social.

³ Assim como também verificado por Milani e Oliveri (2022).



V ENCONTRO REGIONAL EM COMEMORAÇÃO AO DIA DO GEÓGRAFO – ERCOGEO

“Geografias em movimento e os movimentos na Geografia: escalas, tensões e contradições”

03 a 08 de junho de 2024 – Três Lagoas/MS

O espaço social em que vivemos é diverso, e essa diversidade deve ser reproduzida e vista pela ciência geográfica. Pois, toda representatividade é importante para a transformação, o impulsionamento e a legitimação de outras vivências, para que elas sejam aceitas em mais espaços e posições sociais.

É necessário gritar como estão gritando, estar em todos os lugares, conquistando espaços, para que o debate sobre a inclusão na sociedade aumente. Esses lugares são nossos por direito, temos que ocupar (Monalisa, 25 anos, publicitária e cantora).

São tempos de (relativas) conquistas e vitórias, mas foram anos de luta, repressão e apagão histórico para que todas elas pudessem estar em posição de destaque, mas sabemos que elas ainda são minoria.

A luta ainda persiste, o Brasil por mais um ano ocupa o primeiro lugar no *ranking* mundial, considerado o país que mais mata transexuais e travestis no mundo, segundo a Associação Nacional de Travestis e Transexuais do Brasil.

A população trans é cotidianamente exposta à morte em um processo incessante de desumanização de suas vidas, conforme Butler (2004). Corpos considerados perigosos, mas que estão em constante perigo. Esse cenário de violência inicia muitas vezes na própria família, na escola durante a infância, como relatamos, com a exclusão familiar.

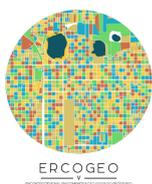
Isso avança para a carência de formação escolar em decorrência da evasão praticamente expulsória e atinge diretamente a ausência de espaço no mercado de trabalho, de mão de obra com qualificação das pessoas trans. Isso acarreta na busca pelo seu sustento em trabalhos informais, principalmente na prostituição, o que interfere diretamente no modo que esta população vivencia a cidade e o espaço urbano e é vista, tratada por outras pessoas. Nas palavras de Monalisa:

A grande maioria da população Trans e travestis tem dois caminhos, trabalhar com estética ou vender o corpo para sobreviver, muitos espaços ainda são negados para nós, não temos saída (Monalisa, 25 anos, publicitária e cantora).

Devido ao viés estrutural, há uma escassez muito grande de empregos para pessoas trans e travestis. No entanto, mesmo que as empresas estejam progredindo lentamente nesse sentido, essa é apenas a primeira barreira que as pessoas trans enfrentam na busca por seu sustento.

Portanto, julgamos ser necessário ampliar as representatividades, para que esses corpos trans possam ser incluídos, vistos e não inviabilizados e precarizados, para que a luta contra o CISTema opressor e segregacionista possa ser fortalecida. Todo corpo tem o direito de pertencer

Devido aos múltiplos e severos preconceitos às pessoas trans, existem inúmeras barreiras para as pessoas expressarem seu desejo de estarem com pessoas trans e travestis. No processo, certos códigos são naturalizados e outros são ofuscados e/ou sistematicamente eliminados, levando-os ao limite da aceitabilidade humana. Essa ideologia afeta diretamente a maneira como



V ENCONTRO REGIONAL EM COMEMORAÇÃO AO DIA DO GEÓGRAFO – ERCOGeo

“Geografias em movimento e os movimentos na Geografia: escalas, tensões e contradições”

03 a 08 de junho de 2024 – Três Lagoas/MS

esses sujeitos se veem (as pessoas trans). Ampliando seus problemas de imagem corporal e sua autoestima.

Percebo inúmeros olhares de reprovação do público, principalmente em lugares elitizados. Em locais mais acessíveis, como nos bares do meu bairro e no forró que eu frequento, sou respeitada por todos sem exceção, eles me enxergam como eu sou. Vou em lugares que não sou aceita, pois é necessário, afinal é uma travesti estando no mesmo local que eles, comendo o que eles comem, minha presença significa muito. Quero sair da zona de conforto e ocupar outros espaços, ser vista (Monalisa, 25 anos, publicitária e cantora).

Lefebvre (1974), assegura que o corpo desempenha papel importante na compreensão e produção do espaço, destacando sua centralidade e corpo de Monalisa ocupa um lugar na cidade, é um veículo de comunicação com os espaços onde se situa cotidianamente, e essas corporificações influenciam diretamente no modo que o corpo vivencia a cidade, com que é tratada/vista/recebida nos diferentes espaços – isso inclui não apenas a espacialidade física (o chão que a recebe) mas todo a conjuntura social que compõem aquele espaço, naquele determinado momento; por exemplo um restaurante mais elitizado (como ela coloca) no horário de almoço.

A vivência na cidade está ligada ao corpo dos sujeitos sociais (que são múltiplos) e muitas vezes ocupam os mesmos espaços, ao escapar a essa regra, há de certa forma um tensionamento, como relata Monalisa

Fiz um show em um espaço completamente heteronormativo da cidade, com o dinheiro do meu próprio bolso, porque eu sabia jamais seria contratada para estar lá, mas queria fazer ser possível, para que as pessoas possam se perguntar, “essa vida existe?”, “essa cantora existe?”. Eu precisava ocupar aquele lugar, era um direito meu. Muitas pessoas também questionaram do fato de não fazer em um lugar lgbtqi+, mas meu objetivo era fazer a diferença, estar em espaços que são negados, sair da zona de conforto de falar com quem a gente sempre fala, para que os corpos heteronormativos comecem a questionar minha existência. Uma travesti em cima do palco de um local como aquele é uma potência gigantesca (Monalisa, 25 anos, publicitária e cantora).

Monalisa deixa claro seus posicionamentos na interação com o espaço, dando sentido ao seu lugar e ao lugar do outro. Sua presença em lugares que são negados diariamente instiga a percepção urbana e as relações entre os territórios. Monalisa, transita seu corpo em espaços mal ditos e quando está em cima do palco, ela amplia sua voz e coloca sua (trans)vivência ao centro.

4) CONSIDERAÇÕES FINAIS

É evidente a importância da construção de espaços em que esses corpos possam estar presentes e serem ouvidos em suas demandas, vivências e compreensões. Defendemos que isso amplia a análise das relações de



V ENCONTRO REGIONAL EM COMEMORAÇÃO AO DIA DO GEÓGRAFO – ERCOGeo

“Geografias em movimento e os movimentos na Geografia: escalas, tensões e contradições”

03 a 08 de junho de 2024 – Três Lagoas/MS

gênero construídas através de identidades, ampliando a percepção urbana. Se torna necessário formular políticas e planos educacionais para mudar a cultura transfóbica que está enraizada na nossa sociedade e construir debates TRANSformadores.

Desde cedo a liberdade desses corpos é questionada e ao longo da trajetória, dos percalços, dos desamores, muitos nem sobrevivem para contar a história que Monalisa nos contou. Os que sobrevivem tendem a vivenciar diversas formas de distinções em seu cotidiano, começando com as repressões dentro de casa pelos familiares, durante todo processo de descoberta e auto aceitação, percorrendo para o período escolar, onde o *bullying* torna-se centralidade, assim como Monalisa relatou durante a entrevista, o processo é tão doloroso que muitos abandonam o sonho de obter um diploma ao longo do caminho, e sem formação a busca por trabalhos informais tendem a aumentar, na maioria das vezes a única saída para sobrevivência.

5) REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS (ANTRA). Boletim nº 01 2021: Assassinato contra travestis e transexuais em 2021. Rio de Janeiro: ANTRA, 2021. Disponível em: <<https://antrabrasil.files.wordpress.com/2021/05/boletim-001-2021.pdf>>. Acesso em: 16 de set. 2021.

BUTLER, Judith. **Bodies that matter: on the discursivelimits of “sex”**. London: Routledge, 1993.

LEFEBVRE, H. **The Production of Space**. Oxford: Blackwell, [1974] 1991.

MILANI, Patrícia Helena; OLIVERI, Melissa Pereira. *Eu não encontrei tanta dificuldade, mas eu também sempre tive que ter um passo à frente*. Geografias Feministas e a Interseccionalidade de Mulheres. In: **Revista Ensin@ UFMS**, v. 3, n. 7, p. 98-117, 20 dez. 2022.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista estudos históricos**, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

SILVA, Joseli Maria. A cidade dos corpos transgressores da heteronormatividade. **Geo Uerj**, v. 1, n. 18, p. 3-19, 2008.

TURRA NETO, Nécio. Pesquisa qualitativa em Geografia. **XVI Encontro Nacional de Geógrafos. Anais... Belo Horizonte: AGB**, p. 1-10, 2012.

TURRA NETO, Nécio. Corpo e Espaço: Algumas considerações. **Caderno Prudentino de Geografia**, v. 3, n. 41, p. 02-08, 2019.
